

EPIFANIA ◇ SINTHOMA¹

Ivanir Barp Garcia

Professora do Departamento de
Psicologia da UFSC, doutora em
Psicologia (Psicanálise) pela
Universidad del Salvador
Buenos Aires.

RESUMO

As Epifanias ocupam na obra de James Joyce um lugar singular, são testemunhos de uma experiência interior sobre a qual fundou sua experiência de escritor. Para Lacan, Joyce fazia Sinthoma ainda que sem saber. O Sinthoma, como suplência à carência da função paterna, é para Joyce a única garantia da estabilidade de sua estrutura psíquica. A idéia central deste trabalho é considerar que Eli Heil, a partir da experiência epifânica vivida, pôde sair da estagnação do sintoma, pela via da arte, e gerar de maneira privilegiada o seu Sinthoma.

ABSTRACT

Epiphanies occupy a special place in the work of James Joyce. They bear witness to an inner experience which was the basis of the writer's later experience. For Lacan, Joyce reached Sinthome, although without being aware of it. Sinthome, as filling in of the lack of the paternal function, is for Joyce the only guarantee of stability of his psychic structure. The central idea of this is to consider that Eli Heil, an artist from Santa Catarina, through the epiphanic experience he lived, was able to come out of the stagnation of symptom, through his art, and generate the privileged form of his Sinthome.

¹ Este trabalho foi apresentado na Reunião Lacanoamericana de Psicanálise, de Porto Alegre, em 1993. Foi editado em suas Atas. Porto Alegre: Editora Recorte, 1993, v. 2, p.761.

*Espalhe teu grito até a sombra do passado
Deixa renascer, renascer.
Só assim poderá sobreviver... (E. Heil)*

“Pluf, Pluf, pluf/Já nasci, já nasci, já nasci/Ovo, óvulo, ovário/Escutei um gemido/Sai /Eli, sai Eli...” É assim que Eli Heil recria o mito inicial do seu nascimento. “Pluf, pluf, pluf” evoca resíduos ressonantes, zona de silêncio, da inefável passagem do canal do nascimento. São “significantes do ar”,² diz Roberto Harari. “Já nasci, já nasci...” inaugura o clamor, o apêlo, o alçar vôo para a vida. Ela terá uma grandiosa tarefa: deverá fazer-se um nome. Desde então perfila-se uma ficção entre sonho e despertar que se desdobra, incansavelmente, numa rede de repetições.

Filha de uma família humilde e numerosa ela foi por longo tempo, Professora de Educação Física. Aos vinte e oito anos seu corpo, inesperadamente, entregara-se a um leito e lá permanecera, durante cinco anos, caído, débil e prisioneiro de uma bronquite asmática. Com retenção de ar nos pulmões, ardendo em sofrimento, faz de sua vida uma luta constante e atormentada contra a morte. Angústia, lágrimas, desespero e a terrível ameaça de desintegração desenham o perfil de seu cárcere. O corpo em máxima tensão, goza.

Estranho prelúdio para uma nova era, “Numa manhã parecia que o céu havia se aberto para mim. Apareceu na minha porta um anjo, como se fosse o anjo Gabriel, magrinho, pálido, de mala na mão... E, aquela voz falou: cheguei, tem um lugarzinho para mim...? Cinco anos ficou comigo. Viveu, sentiu, sorriu, sofreu, escutou... Até que veio o grande dia...” escreve ela para o irmão.

Naquele longínquo grande dia seu irmão, “o anjo Gabriel”, chegou para mostrar-lhe um quadro pintado em lápis cêra. Advertida, ela disse: “Isto eu também faço”.

²HARARI, R. A Instância da Letra no Inconsciente ou Razão desde Freud. Seminário ditado na Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica. Brasil, 1993 (anotações em aula).

O quadro a convoca, sem saída, a depor ali sua olhada. A olhada, objeto a causa do desejo está do lado de fora. Essa olhada no campo do escópico, encarna a luz. O quadro a olha com o esplendor do seu brilho. Lacan dirá: "É pelo olhar que entro na luz, e é do olhar que recebo seu efeito".³ Olhada e não visão pois entre ambas há um abismo que as separa.

A partir daquele instante, fugaz e silencioso, tudo se acelera. Eli parece despertar de um cochilo de séculos. As brumas de dificuldades à sua volta transformam-se em lampejos de luz. O quadro é para ela a fagulha luminosa, epifânica, da arte. "Daquela hora em diante explodiu tudo. Era uma coisa que saía de dentro de mim, eu tinha que vomitar... Vomitar criações... As criações eram tantas que as via nascer de dentro de mim... Talvez já tivessem raízes prontas para brotarem quando chegasse a hora", diz ela.

A expulsão da olhada, do ar, dos "vômitos", das criações são objetos a, causa do desejo, testemunham a liberação de um sujeito. O objeto a, resto que se desprende da cadeia significativa, deixa um vazio, possibilita a existência de um sujeito desejante.

O caminho da arte abre-se diante dela. "Isto eu também faço", a frase pronunciada, é a imperatividade de um desejo: entregara-se à arte sem nunca mais poder se deter. Sente seu corpo livrar-se de suas misérias. O ato de criar lhe assegura sua momentânea liberação.

A epifania tem aqui a intensidade de um segredo que aflora: a asma explode num grito criador de formas, cores e poesias.

Nos "Depoimentos Poéticos" páginas de sua vida, está escrito "Tudo isso é uma virada/Que nem o avesso pode dizer/Quantas linhas espalhadas/Para um artista recolher...".

A obra que ela nos entrega, há trinta anos, é uma trama de signos, linhas e cores, espaço, movimento, figuras, ritmos

³ LACAN, J. O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p.104.

e poesias. As cerâmicas, esculturas e pinturas nascem de formas torturadas e tensas. Estranhas e singulares 'criaturas', com bocas sempre abertas parecendo gritar, olhos flamejantes que nos olham, compõem uma expressiva figuração hipercolorida que habitam o espaço do seu "Mundo Ovo", do seu "Museu Sagrado". As poesias fornecem a prova, comemoram a experiência vivida, ressonâncias de sua verdade.

Epiphanei: Epifania em grego significa aparição ou manifestação divina.

Etimologicamente alude à aparição dos astros, à cintilação da luz. Clarão e luminosidade são adjetivações inerentes à palavra epifania.

Em termos teológicos, epifania significa a manifestação de Cristo, o esplendor da estrela no Oriente, aos Reis Magos.⁴

James Joyce toma de empréstimo a noção de epifania da liturgia e a redefine em Stephen Hero, primeiro esboço fragmentado do *Retrato do artista quando jovem*, como "uma manifestação súbita, quer na vulgaridade do discurso ou do gesto, ou uma frase memorável da própria mente".⁵

A concepção do termo epifania, exposta por Joyce no *Retrato...* em um dos diálogos que Stephen realiza com Lynch, está vinculada a três princípios estéticos fundamentais, ou qualidades da beleza universal. Estes princípios têm uma origem filosófica na *Integritas*, *Consonantia* e *Claritas* de São Tomás de Aquino. *Integritas* e *Consonantia* são sempre necessárias para produzir diretamente *Claritas*.

A *Claritas* ou radiância, terceira qualidade do belo, corresponde ao súbito instante em que o artista apreende a imagem estética: É, "o instante em que esta suprema qualidade de beleza, a radiação clara da imagem estética, é apreendida luminosamente pelo espírito que foi surpreendido por sua inteireza (*integritas*) e fascinado por sua harmonia (*Consonantia*) - é o luminoso êxtase silencioso de prazer estético".⁶

⁴ Evangelho segundo São Mateus, Cap.2, v.2.

⁵ JOYCE, J. Stephen Hero, in James Joyce, Ouvres, "La Pléiade". Paris: Gallimard, 1982.

⁶ JOYCE, J. Retrato de um artista quando jovem. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1987. p.212.

A *Claritas* é o momento onde o quê do próprio objeto - *quidditas* - se revela no esplendor incandescente, ponto de irradiação última e fugaz. É o instante em que o objeto se epifaniza. E uma vez epifanizado, o objeto transforma-se repentinamente na “coisa que ele é... seu quê próprio salta para nós das vestes de sua aparência”.⁷

Para Joyce, é tarefa do homem das letras registrar esses “momentos delicados e evanescentes”⁸ tornando-se um colecionador de epifanias. Stephen-Joyce, um jovem pobre, é o peregrino que vagueia pelas ruas de Dublin a procura de epifanias como se fossem preciosos tesouros escondidos. Do mesmo modo, a série de contos incluídos em *Dublinenses* encerra a mais contundente acumulação de epifanias. *Os Mortos*, um desses contos, é uma sucessão de instantes reveladores: a “música distante”, a imagem no espelho, a presença da morte, a evocação dos mortos, a espera vazia, o momento da piedade, o encantamento do coração... são todos momentos epifânicos, testemunhos de uma experiência, que fazem com que Gabriel Conroy, em seu quarto de hotel com Gretta, suspenda a sua própria morte por um instante.

Os textos epifânicos, tal como Joyce os concebia, se apresentam com frequência na forma de fragmentos de diálogos, instantes descontínuos, resíduos de palavras, de imagens, de cenas, de sonhos, por conseguinte, ressonâncias, chamadas, ecos. São frases anódinas que cativam mais por sua trivialidade, seu caráter enigmático e pelo sem sentido do que por qualquer valor poético.

Indubitavelmente, a obra de Joyce se configura como um tecido de epifanias, grandes e pequenas, ao alcance de todos nós, basta buscá-las.

Não são as epifanias pontos de máxima aproximação do real? Diz Lacan: “As epifanias são sempre ligadas ao real. O próprio Joyce não fala delas de outra maneira. É

⁷JOYCE, J. Stephen Hero. Op.cit.

⁸JOYCE, J. Ibid.

totalmente legível que a epifania é o que faz com que graças a falta o inconsciente e o real se amarrem".⁹

As epifanias são pedaços do real que emergem com fulgor e se impõem na experiência do sujeito do modo incoercível, fazendo apêlo à significação. São pequenos textos enigmáticos que caem em cadências fragmatárias, imprevisíveis e marcados pela forclusão do sentido o que é próprio do real. As epifanias são enigmas. E, um enigma como o próprio nome sugere, ensina Lacan "é uma enunciação que não encontra seu enunciado".¹⁰

Em termos do nó borromeo, proposto por Lacan, a experiência epifânica equivale a uma amarração do simbólico e do real, deixando cair o terceiro anel do imaginário, da mesma maneira "como um fruto é despojado de sua mole casca".¹¹

Nossa idéia é considerar que a experiência epifânica vivida por Eli se conjuga, pela via da arte, à construção do *Sinthoma*. A epifania corresponde aqui a um momento que precede e convoca ao ato criador.

No *Seminário* sobre o *Sinthoma*, consagrado à Joyce, Lacan trabalha na direção de estabelecer o enlaçamento dos registros da experiência analítica, real, simbólico, imaginário como quarto termo, cuja grafia provém do francês arcaico - *Sinthome*. Essa quarta consistência implica pensar a estrutura nodal como tetraédrica.

O *Sinthoma* como quarto elemento que amarra os três anéis disjuntos, é a suplência do Nome-do-Pai. É a constituição da versão do pai (*père-version*), pelo que "o pai é um sintoma ou um santo-homem (*Saint Homme*) como vocês querem",¹² diz Lacan. É com o Nome-do-Pai que tudo se sustenta. Desde logo, não é um nome qualquer mas um nome capaz de dar sustentação à existência do sujeito.

A escrita de Joyce, sua arte, seu artifício, teria vindo suprir a falha de um pai carente de sua função. Através de

⁹ LACAN, J. O Seminário. Livro 23. El Sinthoma, 1975-1976. (inédito)

¹⁰ LACAN, J. Ibid.

¹¹ JOYCE, J. Retrato... Op.cit., p.91.

¹² LACAN, J. O Seminário. Livro 23. Op.cit.

uma sutura singular, de um artifício, pode amarrar os três anéis que em função de dois erros não mais se sustentavam, ficando livres. O reparável, segundo Lacan, consiste em amarrar no ponto da falha uma nova corda, o *Sinthoma*, para restituir o caráter de nó, agora não mais simplesmente borromeo senão nó tetraédrico. "Pensei que aí estava a chave do que sucedeu à Joyce",¹³ diz ele.

O *Sinthoma*, como suplência à carência da função paterna, é para Joyce a única garantia da estabilidade de sua estrutura. É com um apêlo de suporte e sustentação ao pai que ele encerra o *Retrato*...

"Velho pai, velho artífice, mantém-me, agora e sempre, em boa forma".¹⁴

Efetivamente, no *Sinthoma* é sempre uma amarração que está em jogo. De uma forma ou de outra, é uma escritura que se trata de manter. Por outro lado, custos, sempre haverá na emergência da amarração do nó, pois não há Nome-do-Pai que possa garantir seu enlace sem riscos.

Lacan partindo de sua aguda observação clínica demonstra que a partir dos sintomas (*sympômes*) todo o ser falante enquanto sujeito poderá gerar o seu *Sinthoma*. Isto seria precisamente o requerimento de um saber fazer aí... com o *Sinthoma*, é dizer um artifício. Encontrar nas mesmas características pessoais que outrora geraram um sintoma, um saber fazer aí... a vida.

Artificializar é fazer a vida com arte, pela via da arte. É atar, re-atar os anéis real, simbólico, imaginário, através do quarto termo, o *Sinthoma*, como seja possível para cada um, com os recursos disponíveis de cada um. Isto é factível na experiência psicanalítica, somente quando pelo *Sinthoma*, mediante a cura, o sujeito deixa cair uma produção própria, qualquer que seja, lhe permitindo ascender a sua verdade censurada.

Eli de maneira privilegiada constrói o seu *Sinthoma*. Com o seu saber fazer aí... no vôo sempre renovado de sua criação

¹³ LACAN, J. Ibid.

¹⁴ JOYCE, J. *Retrato*... Op.cit., p.250.

ela encontra suporte e sustentação para a sua existência. "Criar eu quero/Criar me dá vida/Se eu não crio/Viro mancha deprimida" é o que não cessa de dizer. Esta é sua linguagem, tal é sua vida, seu modo singular de estar no mundo.

Seus obras tem percorrido os recantos do mundo. Seu nome, representado em suas obras, se torna conhecido, reconhecido.